



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MARCICLEIDE CALIXTO

ENSINO DA GEOGRAFIA: Uma perspectiva sobre a formação do professor

**GUARABIRA – PB
2014**

MARCICLEIDE CALIXTO

**ENSINO DA GEOGRAFIA: Uma perspectiva sobre a formação do
professor**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
parciais para obtenção do grau de
Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Antonio Gregório da
Silva.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C153e Calixto, Marcicleide
Ensino da geografia: uma perspectiva sobre a formação do professor [manuscrito] : / Marcicleide Calixto. - 2014.
29 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Antônio Gregório da Silva, Departamento de
Geografia".

"Colaboração: Patricia da Conceição Domellas Xavier",
Robson Pontes de Freitas Albuquerque

1. Professores. 2. Formação Docente. 3. Ensino da
Geografia. I. Título.

21. ed. CDD 910


MARCICLEIDE CALIXTO

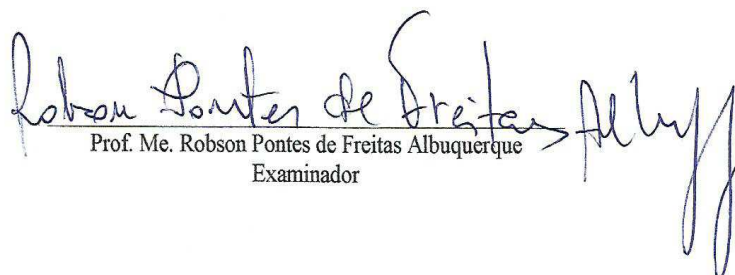
**ENSINO DA GEOGRAFIA: UMA PERSPECTIVA SOBRE A
FORMAÇÃO DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia.

Aprovada em 30/ JULHO 2014.


Prof. Me. Antonio Gregório da Silva
Orientador


Prof. Prof. Esp. Patrícia da Conceição Dornellas Xavier
Examinador


Prof. Me. Robson Pontes de Freitas Albuquerque
Examinador

ENSINO DA GEOGRAFIA: Uma perspectiva sobre a formação do professor

CALIXTO, Marcicleide¹

RESUMO

O professor é o principal agente da educação escolar na formação dos educando, pois como mediador pode facilitar ou desestimular a aprendizagem. A implantação do curso de Estudos Sociais em substituição às licenciaturas de geografia e história, formava professores com deficiências teóricas e práticas, que confundiam o objeto e o método de estudos das duas disciplinas, desvalorizando o saber geográfico. Ensinar a disciplina de geografia envolve trabalhar simultaneamente as opções teórico-metodológicas, é necessário traçar o mapa da crise da formação docente desenvolvendo uma perspectiva teórica e prática para a formação inicial dos professores de Geografia e sua organização para a solução da mesma. A melhoria da educação e do ensino da geografia deve ter como objetivo propiciar ao aluno da educação básica, a alfabetização geográfica e análise, reflexão e crítica do espaço geográfico. Os educando devem compreender os conceitos geográficos valorizando-os, assim como o profissional da educação e para isso a formação inicial reflexiva do professor é de fundamental importância. O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade, sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, na vida social, cultural e política

PALAVRAS-CHAVE: Professores; Formação; Ensino de Geografia.

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino é um conjunto de atividades organizadas do professor e dos alunos, visando alcançar determinados resultados (domínio de conhecimentos e desenvolvimentos das capacidades cognoscitivas), tendo como ponto de partida o nível atual de conhecimentos, experiências e de desenvolvimento mental dos alunos, buscando obter um resultado positivo em relação ao ensino aprendizagem. O ensino é um processo que se caracteriza pelo desenvolvimento e transformação progressivas das capacidades intelectuais dos alunos em direção ao domínio dos conhecimentos e habilidades e sua aplicação na vida prática.

¹ Graduanda em Geografia. E-mail: marcicleideemaria@hotmail.com.

O processo de ensino tem um caráter intencional e sistemático, em virtude do qual são requeridas as tarefas docentes de planejamento, direção das atividades de ensino, aprendizagem e avaliação. Obedece a uma direção, orientando-se para objetivos conscientemente definidos. Implica passos gradativos de acordo com critérios de idade e preparo dos alunos. O processo didático-pedagógico da geografia escolar, neste início de século, suscita reflexões quanto ao tratamento das questões espaciais. Destacamos aqui os fatos e os acontecimentos locais, regionais, nacionais e/ou globais, bem como, a política escolar baseada na pedagogia da mudança/transformação dos hábitos e atitudes dos alunos para a produção do exercício da cidadania.

Para o melhor andamento, a atividade docente deve desenvolver alternativas que visem conhecer e entender os objetivos a serem alcançados através do ensino de Geografia e os meios para sua viabilização. Estudos intensificados em torno da temática são necessários haja vista a diversidade entre os alunos e os diferentes níveis de aprendizagem. Nesse sentido, o (re)pensar a dimensão técnica, política e ética do processo ensino-aprendizagem na geografia escolar e suas repercussões na sociedade, constitui o esforço do presente artigo.

Optamos por esse caminho para refletir, de forma clara e profunda, o que o ensino da Geografia vem fomentando para a formação de sujeitos que reconheçam a dimensão social de sua participação na apropriação do espaço, pois entendemos que o trabalho com essa disciplina pressupõe um projeto de alfabetização espacial que considera a dimensão social, técnica e política para a desconstrução da ideia de encarar a sociedade como simples mercadoria.

Há sempre a necessidade de se desenvolver, através de diversos instrumentos pedagógicos, alternativas metodológicas visando atingir aos diferentes tipos de realidade dos alunos. As dificuldades de se desenvolver práticas pedagógicas eficazes no ensino de Geografia não são recentes. Tais dificuldades não possuem um único responsável, todavia, ao mesmo tempo, possuem diversos vetores.

Por outro lado, nos dias atuais, ainda é possível constatar a existência de uma didática conteudista, puramente mnemônica, pela qual muitos professores consideram o livro didático a principal ferramenta de trabalho. Esta realidade, entretanto, não é exclusiva ao ensino de Geografia, mas expande-se a todas as outras disciplinas. Sobre a Geografia que se encontra na maioria dos livros

didáticos, Almeida (1991) afirma que ela “apresenta uma análise descritiva – ou apenas uma descrição – do que hoje se vê no mundo”. Certamente o conhecimento geográfico maximiza-se através da prática e não se pode duvidar que todos os nossos conhecimentos começam com a experiência. Não podemos deixar de citar que processos histórico-sociais influenciam determinantemente a conjuntura na qual nos encontramos.

No Brasil, o salário irrisório pago aos professores indigna estes profissionais que, por sua vez, desenvolvem uma prática de ensino que não exige tanto esforço pela falta de compensação. Condições de trabalho distantes dos padrões mínimos aceitáveis, não permitem ao professor sentir prazer em sua atividade docente. Entretanto, os problemas com o ensino de Geografia não são causados exclusivamente por estes dois fatores. O ensino de Geografia no Brasil que, em princípio, visava formar uma população com o espírito de nacionalidade bem desenvolvido, lançava de forma exaustiva conteúdos relativos às riquezas físicas e humanas das quais dispunha o recente país, enaltecendo-o de modo que o brasileiro, ao vincular-se ideológica e sentimentalmente com a sua pátria, a defendesse em quaisquer circunstâncias.

Dessa forma, refletir a práxis pedagógica é o caminho para verificar se ela reproduz os valores dominantes ou se ela liberta os indivíduos. Para nós, futuros profissionais do ensino, no momento em que nos posicionamos, avançamos na busca de uma sociedade mais humanitária, pois sempre haverá a interação *eu-outro-mundo*. Deveremos reconhecer que no âmbito da atividade educativa poderemos preparar os educandos para o trabalho, para a vida social e para a cultura da consciência sem desagradá-los, sem submetê-los à opressão social e ainda sem aliená-los.

Assim, se faz necessário que a ação educativa represente, na sua prática efetiva, um decidido investimento na consolidação da força construtiva dessas mediações, sempre tentando reverter seu potencial alienador para aderir à construção de uma cidadania realmente ativa, pois a prática pedagógica não é destituída de sentido político. Querendo ou não os professores, tendo ou não a consciência dessa realidade, seu trabalho é necessariamente político. Nem mesmo a ingenuidade dos que têm plena convicção do caráter desinteressado de sua prática educativa elimina essa dimensão política.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As últimas décadas do séculos XIX foram decisivas para a ciência geográfica no Brasil, que passou a ganhar importância com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)². Hoje a realidade do nosso país no campo da educação é preocupante em razão dos problemas e da ineficiência que caracterizam o sistema de ensino em todos os níveis.

2.1. Ensino da Geografia

Percebemos que a prática da geografia na escola está recheada de tradicionalismos e, esses continuam a distorcer a realidade construída historicamente distanciando os homens de uma apropriação espaço. A trajetória da geografia escolar tem sido permeada por um discurso ideológico que mascara a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Ela tem sido marcada por um enciclopedismo e por uma enumeração mecânica de fatores de ordem natural e social presentes num dado território. Isso faz da Geografia uma disciplina que por vezes desperta pouco interesse no aluno, pois o que é visto em sala pouco tem relação com o cotidiano do aluno fora da escola.

Essa situação é evidenciada ao encontrarmos professores que adotam em suas aulas conteúdos que, quase invariavelmente, são analisados de forma isolada, seguindo a postura tradicional de alguns livros didáticos, mostrando, assim, ser a Geografia uma disciplina simplória, inútil, sem nenhuma aplicação prática fora da sala de aula. Esse fato desperta nos alunos uma noção de inutilidade, gerando o desinteresse pelos estudos geográficos e, conseqüentemente, acaba por distanciar os sujeitos do conhecimento de si, enquanto sujeitos sociais e construtores da história no que conhece a cidadania.

Há alguns anos as propostas de construção do currículo escolar, em especial para o ensino de Geografia, sofreram e ainda sofrem transformações em busca de melhorias no processo educacional. Estas novas propostas objetivam recriar os métodos, buscando a construção do conhecimento mutuamente entre o professor e aluno.

² O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi criado em 21 de outubro de 1838 e tem por finalidade, preservar a cultura nacional, estimular os estudos históricos, geográficos e de outras ciências sociais sobre o Brasil.

O professor de Geografia deve elaborar um currículo escolar que não só destaque os conteúdos dessa disciplina como a transforme em um conhecimento ao aluno aplicável em seu cotidiano para, assim, este compreender a importância dessa ciência. Essa forma de ensino é possível a partir do momento que o professor desempenha o papel de mediador entre o conhecimento e o aluno, dando oportunidade do discente articular o conteúdo em suas próprias reflexões.

Caso o professor não entenda o aluno como um sujeito sociocultural, uma série de problemas passa a ser gerada, como a contestação da finalidade da Geografia, enquanto disciplina obrigatória do currículo escolar, o desinteresse dos discentes e, por conseguinte dos docentes.

Por outro lado, observa-se que ocorreu uma mudança radical no ensino da geografia na década de 1980, mesmo diante de todo esse movimento de renovação da geografia para contribuir com mudanças na prática de ensino dos professores de geografia. Um dos pontos mais questionados é a metodologia aplicada aos estudos geográficos. Que o ensino dos conteúdos geográficos não esteja apenas centrado na fala do professor, no quadro, no livro didático, nos questionários e nas correções.

Essas formas de ensino negam outras possibilidades de aprendizagem capazes de relacionar as experiências vividas no cotidiano dos alunos ao conhecimento da geografia escolar. O professor, em todos os níveis de atuação, tem um papel social na formação dos alunos. A prática profissional não se realiza apenas na sala de aula, mas na perspectiva que este profissional tem no seu ambiente de trabalho que favorece ou não uma interação entre ensino e pesquisa.

Nesse sentido, reflete-se que a educação não pode ser encerrada no terreno estrito da pedagogia, mas tem que sair às ruas para os Espaços públicos, e se abrir para o mundo. Assim sendo, a Geografia é uma das disciplinas que mais abrangem práticas interdisciplinares, percorrendo inúmeras possibilidades na área da educação.

O principal reflexo da Geografia é o espaço, fazer com que observarmos a nossa realidade, para que possa desenvolver noção de espacialidade, ela deve se preocupar com sua forma de ensino, abrangido no meio e fazendo com que o alunado possa formular valores e atitudes.

O ensino de Geografia deve preparar o aluno para localizar, compreender, atuar no mundo, contextualizando a realidade, ou seja, pensar e agir em busca da sua transformação.

Apesar do avanço em tornar a Geografia uma ciência moderna durante um longo tempo ela caiu num ostracismo perdendo espaço no meio científico. A Geografia deve interagir com a realidade do aluno e muitos se sentem desmotivados a este estudo, diante disso surge a necessidade de se repensar a forma como a Geografia deve ser ensinada de modo a proporcionar ao aluno uma maior autonomia para inserir-se numa sociedade cada vez mais globalizada e que existem posturas críticas frente aos desafios da sociedade.

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dar conta de explicar e contextualizar as novas leituras de vida. Ser um cidadão pleno em nossa sociedade nos dias atuais significa antes de tudo, estar integrado em participar ativamente das suas transformações. E a Geografia tem um papel indispensável para compreendermos essa reflexão, esta que deve ser à base de nossa atuação.

A exploração de vivência do nosso aluno não pode ser alheia a sua condição sociocultural. Dessa forma, o conhecimento prévio do aluno deve ter sido como um ponto de partida do estudo geográfico, mas nunca como ponto de chegada, sob os riscos de perpetua-se dessa forma as diferenças entre as classes, aliado a isso é importante que o professor tenha a sensibilidade de reconhecer e compreender a capacidade cognoscitiva³ de seus alunos.

As ciências passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em processo constante de transformação e construção. O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões. Nesse diapasão, a Geografia é um componente curricular bastante prático, pela especificidade do seu objeto de estudo. É importante que o aluno, através de atividades que enfatize a prática do fazer, vivencie experiências práticas para entender os conceitos geográficos. Evidentemente, que no decorrer das décadas, o ensino da Geografia passou por acomodações perante alguns professores e alunos, mesmo diante das transformações políticas e econômica ocorridas no mundo mais dinâmico. Entretanto, a iniciativa de implantação de aulas práticas, por parte dos professores, pode apresentar um incremento no rendimento dos alunos.

³ **Cognição** é o ato ou processo da aquisição do conhecimento que se dá através da percepção, da atenção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem.

As atividades dinâmicas envolvem os alunos e aprimoram sua capacidade cognitiva tornando o aprendizado uma tarefa mais agradável. Os valores dos educadores nem sempre são os mesmos dos alunos, aqueles devem buscar uma leitura dos novos códigos sociais sem desprezar estes que já são adotados pela sociedade. A representação é uma organização significativa de elementos objetivos de uma situação que preenche uma função específica. A especificidade da representação não diz respeito aos elementos que a compõem, mas a organização destes elementos. Esta modalidade particular do conhecimento, associada a significação cultural da representação, provoca a utilização de modelos na relação de um indivíduo com o social de um determinado espaço real e representam uma organização dos elementos que compõem o espaço.

2.2 Formação dos professores de Geografia

O professor é o principal agente da educação escolar na formação dos educando, pois como mediador pode facilitar ou desestimular a aprendizagem. Ensinar a disciplina de geografia envolve trabalhar simultaneamente as opções teórico-metodológicas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 5692/71) reformou o ensino conforme o modelo educacional norte americano, instituindo as licenciaturas curtas: Estudos Sociais, Letras e Ciências.

A implantação do curso de Estudos Sociais em substituição às licenciaturas de geografia e história, formava professores com deficiências teóricas e práticas, que confundiam o objeto e o método de estudos das duas disciplinas, desvalorizando o saber geográfico.

A partir da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), a disciplina de geografia foi reconhecida como autônoma não devendo ser compreendida como um apêndice de outras disciplinas. (LIBÂNEO, 2002)

Então é necessário traçar o mapa da crise da formação docente desenvolvendo uma perspectiva teórica e prática para a formação inicial dos professores de Geografia e sua organização para a solução da mesma.

Libâneo (*op. cit.*, p.73) afirma que:

A busca de uma teoria mais abrangente para se pensar a formação profissional evitará a estabilização dos educadores em visões reducionistas. Considerará a reflexividade que se reporta à ação, mas não se confunde com a ação; a um saber-fazer, saber-agir impregnado de reflexividade, mas tendo seu suporte na atividade de aprender a profissão; a um pensar sobre a prática que não se restringe às situações imediatas e individuais; a uma postura política que não descarta a atividade instrumental.

A melhoria da educação e do ensino da geografia deve ter como objetivo propiciar ao aluno da educação básica, a alfabetização geográfica e análise, reflexão e crítica do espaço geográfico. Os educandos devem compreender os conceitos geográficos valorizando-os, assim como o profissional da educação e para isso a formação inicial reflexiva do professor é de fundamental importância.

Para Libâneo (*op. cit.*, p.76):

A escola é um dos lugares específicos do desenvolvimento da refletividade. Adquirir conhecimentos, aprender a pensar, agir, desenvolver capacidades e competências, implica sempre a refletividade. Mas, principalmente a escola é lugar da formação da razão crítica, para além da cultura reflexiva, que propicia a autonomia, autodeterminação, condição de luta pela emancipação intelectual e social.

O docente tem o compromisso de ouvir os alunos, sistematizar as suas falas, criar e estimular as polêmicas e dúvidas, textualizar as dúvidas e conclusões elaboradas procurando sempre surpreendê-los, provocar surpresas que estimulem a paixão pelo aprender, pensar em novas formas de organizações de nosso espaço e de nossa sociedade que visem um mundo com mais justiça e pluralidade.

Segundo Kaercher (2003) é a atividade conjunta do professor e dos alunos no qual transcorre o processo de transmissão e assimilação ativa dos conhecimentos, habilidades e hábitos, tendo em vista a instrução e a educação.

O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade, sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, na vida social, cultural e política.

Como toda profissão, o magistério é um ato político porque se realiza no contexto das relações sociais onde se manifestam os interesses das classes sociais. Com isso vemos a necessidade de uma sólida preparação profissional face às

exigências colocadas pelo trabalho docente, esta é tarefa básica do curso de habilitação em licenciatura.

Há um grande abismo entre a formação do professor e sua prática, o currículo de formação do professor pode ser chamado de científico, mas não o preparam para o chamado currículo escolar, os conteúdos de atuação na escola, esses fatos estão claros nos cursos de licenciatura e na análise da prática docente cotidiana.

As questões de caráter teórico, os estudos de várias formas de pensar e de ensinar ficam relegados a um segundo plano, levando a crença de que existe uma dicotomia entre o cidadão, o pesquisador e o professor. Ao cidadão cabe vivenciar as mudanças sociais, políticas e econômicas, ao pesquisador elaborar o conhecimento científico e ao professor repassar junto aos alunos as elaborações teóricas previamente construídas sem um aprofundamento nas questões referentes ao método.

Kaercher (2003) diz que as categorias geográficas de lugar, paisagens, território, bem como a observação, a descrição e a análise dos mesmos, devem ser ensinados tendo em vista que essa ciência permite compreender a dinâmica do espaço social contemporâneo, qualquer que seja a escala da análise. Dessa maneira as reflexões atinentes ao processo educacional em especial ao papel da geografia, proporcionam uma melhoria da qualidade de ensino, essenciais para a construção da cidadania plena na sociedade brasileira.

Assim, mudanças significativas na formação inicial, nos programas de ensino, nas políticas educacionais poderão levar a uma nova imagem desse profissional, e da importância da Geografia para uma leitura e interpretação crítica do mundo.

Em um momento em que ocorrem grandes transformações nas relações humanas, culturais, econômicas, políticas, o caráter complexo da geografia e a sua presença nas instituições escolares, devem desencadear novos olhares sobre a formação inicial do professor, buscando alternativas que rompam com a homogeneização da formação docente, possibilitando uma intervenção significativa na sociedade.

A busca pela melhoria da qualidade do ensino deve ser uma constante na vida dos educadores. Partindo desta concepção, entende-se que repensar a ação

docente é um desafio cotidiano, principalmente quando se almeja formar um aluno cidadão, consciente, crítico, ético, criativo e atuante na sociedade em que vive. Esse desafio se intensifica diante das rápidas e profundas transformações nos mais variados setores da vida contemporânea, acentuadas com a terceira Revolução Técnico-Científica, acelerando a produção e disseminação de novos produtos e informações.

Segundo Perrenoud (1999), “A docência, por excelência, é uma atividade profissional de alta responsabilidade técnica, política e social, pressupondo-se, portanto, que a formação do educador requer compromisso e competência” constitui-se fato observável e não raramente freqüente, a denúncia de que os cursos de licenciatura não incluem satisfatoriamente, entre seus elementos de estudo, os problemas das escolas públicas do ensino fundamental e médio, ou seja, a relação ensino e pesquisa nem sempre privilegia a relação teoria e prática. Isto significa que o confronto entre a realidade e a consciência, entre o mundo e a percepção do mundo, entre o quê, o como e o porquê ensinar, entre o agir e o pensar, não se dão de maneira permanente, não configurando a verdadeira práxis humana reflexiva-crítica, analítica, avaliativa.

Apesar dos esforços provenientes do debate das tendências de renovação na Geografia, contrapondo os paradigmas da Geografia Tradicional e Quantitativa com a Geografia Crítica, buscando repensar as relações sociais e entre sociedade e natureza, procurando entendê-las sob uma visão dialética, é preciso ressaltar que a visão e prática clássica, pragmática e positivista não acabou, e continua ainda muito forte. Sinal de sua resistência é que continua como disciplina fundamental dos currículos escolares ou como subsídio do planejamento estatal, configurando-se como instrumento de pensamento, trabalho e ação de muitos profissionais. Muitos professores ainda estão atrasados, não fazem com que o aluno pense, reflita simplesmente os alunos acabam decorando os conteúdos e no dia seguinte já não se lembram mais.

O conteúdo da geografia escolar tem sido na atualidade o de descrever alguns lugares e problemas, não conseguindo dar conta de pensar o espaço, visto que segundo Callai (1999, p.68), “pensar o espaço supõe dar ao aluno condições de construir um instrumento tal que seja capaz de permitir-lhe buscar e organizar

informações para refletir em cima delas.” Não apenas para entender determinado conteúdo, mas para usá-lo como possibilidade de construir a sua cidadania.

O que se pretende fundamentar é que tal prática da geografia escolar, que ainda ocorre na atualidade, tem muito a ver com a própria historicidade da ciência bem como da própria formação que se tem nas universidades. O problema perpassa desde sua crise epistemológica, evidenciada na clássica divisão entre Geografia Humana e Geografia Física até as dicotomias entre Teoria X Prática, Conteúdo Específico X Conteúdo Pedagógico, Ensino X Pesquisa, Ensino Superior X Ensino Fundamental e Médio.

Esta preocupação quanto à formação do professor, particularmente o de Geografia, é pertinente porque dicotomias continuam a persistir no meio educacional, produzindo lacunas deficitárias e que podem corroborar para a manutenção de uma sociedade injusta, desigual e aviltante dos direitos mais essenciais. Para tanto, se faz necessária à busca de caminhos que apontem para o rompimento das dicotomias que tão perversamente continuam a se perpetuar no meio educacional, particularmente as que se referem à formação do professor.

Na formação de um professor de Geografia é necessário e de grande importância os fundamentos teóricos, a história da formação da ciência (geografia), as formas possíveis de investigação, os instrumentos adequados e a forma de considerar e organizar as informações.

Callai (2002, p.255) afirma que “qualquer reflexão sobre a formação dos profissionais de educação, entendo que tenham claros dois aspectos: o significado do que é professor e do que é fundamental que se ciência (disciplina/matéria) que ele trabalha.”.

Tomando-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu título VI que trata “Dos Profissionais da Educação”, artigo 61, está definido que a formação dos profissionais de educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

I - A associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;

II - Aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Um curso de formação de professores não pode se restringir a treinar para passar somente o conteúdo, mas em certas situações isso ocorre e muito, mas há também uma grande necessidade de cumprir com o conteúdo programado para o ano letivo.

Porém é fundamental que se reflita sobre o perfil do professor, especificamente sobre a sua formação, queremos ter profissionais da educação capacitados e que provoque no aluno, levando-o a querer aprender cada vez mais, tomando o gosto do saber, do conhecimento.

O ensino deve pressupor a construção de uma postura crítica diante da realidade em que está inserida. Sobre a formação de professores indicam que os alunos de graduação devem ser formados para se tornarem componentes em sua área de trabalho, autônomos, críticos, reflexivos, investigadores e inovadores.

Além de dominar o conhecimento específico, deve entender o significado social de sua profissão, saber atuar com flexibilidade, criatividade e cooperação em atividades de grupo, sempre tem que estar se atualizando.

Para que se forme um bom professor o estágio constitui uma das atividades mais ricas da licenciatura, justamente por possibilitar que o acadêmico se depare com situações que solicitam aprofundamento teórico, comunicação com pessoas em diferentes níveis, questionamento dos planos estabelecidos.

Consideramos assim a disciplina Prática de Ensino de Geografia fundamental para a formação docente no ensino de geografia;

Oliveira (2002, p.279) diz:

Acreditamos que uma prática de ensino que seja realmente sólida deva englobar não só o maior número possível de vivências específicas da sala de aula como também as tarefas relacionadas a ela e que se manifestam, de forma plena, durante o desenrolar de todo um período letivo.

Concomitantemente as leituras e discussões realizadas nas aulas teóricas, o estagiário acompanhará a prática dos docentes do colégio de aplicação, o que permitirá o desenvolvimento de observações críticas e a reflexão sobre a prática

pedagógica, que poderão potencializar o debate sobre o processo ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno.

Então para uma boa formação de docentes é necessário que se tenha um curso básico, mais amplo que contemple as diversas áreas e tendências da ciência geográfica, que esteja voltado para desenvolver nos alunos a capacidade de “aprender a aprender”, que acompanhe os novos temas, novas idéias, com um domínio mínimo de técnicas de pesquisa e ter capacidade própria e iniciativas no seu meio de trabalho e vida pessoal.

O tema da formação profissional em Geografia deve levar em conta as transformações pelas qual o mundo tem passado transformações essas que são econômicas, políticas, sociais, espaciais, éticas, que provocam alterações no que diz respeito ao mundo do trabalho e da formação do geógrafo e que afetam a formação profissional, as escolas, a identidade dos profissionais. A formação do profissional em Geografia é a formação do planejador, do pesquisador, do professor de ensino fundamental e médio, do professor universitário, e de antemão se afirma que a formação do geógrafo, do professor, do pesquisador não pode ser discutida separadamente, ainda que na prática essa formação se realize em momentos e instâncias diferentes.

Para Cavalcanti (2002, p.102):

As atividades profissionais têm sido assim, ampliadas, e se tornado mais complexas, para atender as necessidades da sociedade atual. Esse contexto incide sobre a formação dos geógrafos, que tem sido chamado a desempenhar tarefas que vão além das mais tradicionais, como planejamento, o mapeamento de recursos naturais, o zoneamento ecológico e o ensino.

Diante dessa ampliação da atuação profissional, a formação do geógrafo é pensada em torno da natureza de sua vinculação ao mercado de trabalho.

Ainda segundo Cavalcanti (*op. cit.*, p.103):

Por entender que a universidade, a formação universitária, tem um compromisso com a qualidade da formação, que implica a busca do saber inédito e de sua referencia com o tradicional para a sociedade. As propostas de formação do profissional em Geografia articulam-se, nessa posição, com a compreensão de sua relevância social, essa relevância está na sua possibilidade de pensar, fazer e ensinar a partir de uma determinada maneira de analisar a realidade social total.

O geógrafo é um profissional que tem relevância social quando domina o conjunto de preposição teórica e metodológicas de sua disciplina, quando detém as informações e conhecimentos por ela produzidos e suas finalidades políticas e sociais. Há um intenso debate hoje sobre políticas públicas referentes à formação de professores, sabemos que uma série de ações, de implementações de projetos, de encaminhamento e aprovação de legislações, tem afetado bastante o mundo da educação brasileira nos últimos anos.

Se referindo então aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) aos provões, ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ao Sistema de Avaliação de Ensino Básico (SAEB) as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) aos institutos superiores de educação. O mundo de hoje exige, de fato, novas formas de preparação para se viver e trabalhar.

Há certa consciência, por parte das instituições formadoras, de deficiências do atual modelo de formação de professores de áreas especializadas, mas parece fixar uma idéia de que essa formação é de responsabilidade exclusiva das faculdades de educação.

Cavalcanti (*op. cit.*, p.105) diz que:

A preocupação é maior quando se percebem que nos fóruns de educação o objeto privilegiado da discussão é a formação dos professores da primeira fase do ensino fundamental, aqueles formados no curso de Pedagogia ou em cursos de Magistério. Então em que fórum deve discutir a formação do professor de geografia?

O profissional que domina criticamente o campo da Geografia domina a reflexão de suas finalidades sociopolíticas e o modo peculiar de constituição de campo. Para essa atuação profissional exigida na atualidade não se podem adiar importantes modificações nos currículos e nas metodologias de forma inicial em Geografia.

Os cursos universitários precisam assumir a formação profissional em todas as modalidades, desde o início do curso, não admitindo mais soluções simplistas de reformas de grade curricular de acréscimo de conteúdo.

Para Cavalcanti, (*op. cit.*, p.110.)

A atuação do profissional exige uma formação que dê conta da construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos fundamentais e de seu

significado social, não basta o professor ter o domínio da matéria, é necessário tomar posições sobre as finalidades sociais da Geografia numa determinada proposta de trabalho, é preciso que o professor saiba pensar criticamente a realidade social e que se coloque como sujeito transformador dessa realidade.

O professor tem importantes tarefas a cumprir e sua formação deveria estar voltada para isso, como a formação enquanto processo de auto-formação, a necessidade de uma formação contínua, uma formação crítico-reflexivo, a construção da identidade profissional como elemento dessa formação.

O trabalho de formação profissional é o de formar sujeitos pensantes e críticos, cidadãos que desenvolvem competências e habilidades do modo de pensar geográfico, internalizar os métodos e procedimentos de captar a realidade, ter uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos.

O profissional que domina criticamente o campo da Geografia domina a reflexão de suas finalidades sociopolíticas e o modo peculiar de constituição de campo. Para essa atuação profissional exigida na atualidade não se podem adiar importantes modificações nos currículos e nas metodologias de forma inicial em Geografia.

A formação teórica e pedagógica estão intimamente relacionadas e são trabalhadas de forma estanque, tendo-se em isto em vista ou não. É comum a formação do professor ser realizada de forma fragmentada e desprovida de um *locus* definido. Em algumas Instituições de Ensino Superior (IES) parte da formação é realizada nos cursos específicos e outra parte em faculdades de educação, juntamente com outros cursos. As chamadas disciplinas pedagógicas são trabalhadas de forma aleatória, desarticulada da formação geral. O comprometimento de cada professor neste processo é questão fundamental para que, ao final – no estágio e exercício da profissão -, a formação tenha dado ao licenciando, instrumentos básicos necessários para compreender a complexidade das relações que constituem o exercício profissional e sua responsabilidade social, bem como entender seu trabalho em formação permanente. Que o professor desenvolva “asas” para continuamente buscar a melhoria de seu trabalho tendo consciência do seu papel social.

O professor, em todos os níveis de atuação, tem um papel social na formação dos educandos. A profissão não se realiza somente na sala de aula, mas na perspectiva que este profissional tem no seu ambiente de trabalho, que favorece ou não um trabalho que envolva ensino e pesquisa. Nesta perspectiva, a formação de professores necessita passar por um processo planejado que, gradualmente, constitua-se em um todo, teórico e pedagógico, conectado a realidade de atuação profissional e necessariamente se realizando a partir das necessidades da realidade social. Neste sentido, educar tem significado mais amplo do que preparar para o mercado de trabalho. Educar não é somente transferência de conhecimento, mas conscientização e testemunho de vida.

Esta formação, que sem dúvida é contínua, passa por um processo inicial que deve estimular e apontar caminhos para exercer plenamente a condição de educador.

Apesar de suas especificidades, o trabalho intelectual do professor não deve ser hierarquizado e crescer em importância conforme o nível de educação em que trabalha. Deve ser estimulado para que a formação de professores busque o nível mais alto, e mantenha o tripé ensino, pesquisa e extensão. Professor intelectual, pesquisador, produtor de conhecimentos: Educador que vai estimular e desenvolver o mesmo padrão por onde passar. Os temas da atualidade, que envolvem o trabalho do professor, passam pela compreensão do funcionamento do sistema-mundo, para depois entender as estruturas locais e suas relações. Isso ultrapassa, ou perpassa todos os ramos da Geografia, já que a relação do homem com a natureza está implícita na acumulação de capital e miséria da sociedade.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

A prática da Geografia escolar, que está presente na postura de alguns professores, tem a ver com a sua historicidade, ou seja, a crise vivida pela disciplina evidenciada na divisão entre Geografia Humana e Geografia Física. E esse é também o papel do professor de geografia, desconstruir o caráter de fragmentação que a envolve, de forma a intervir no processo de ensino-aprendizagem promovendo o entendimento do espaço geográfico como um todo, o humano e o físico.

Quando se fala em formação, refere-se à educação e à cultura; fala-se do conjunto de conhecimentos que a humanidade já construiu e do acervo que cada indivíduo acumulou em função dos grupos aos quais pertenceu e pertence e de suas experiências pessoais. Entra-se no terreno dos valores e símbolos, num processo que tem como intencionalidade o desenvolvimento do indivíduo singular e social, histórico e concreto. A formação de professores constitui elemento fundamental para se atingir os objetivos visados pela educação, devendo estar adaptados à realidade presente na sociedade em que se inserem. Visto isto, escrevo abaixo a minha experiência na regência, pude vivenciar na realidade o método trabalhado pelos professores de geografia

No mês de abril de 2012, iniciou-se a regência do estágio mantendo um diálogo com uma professora, da 7ª série da EJA, de uma escola pública na cidade de Guarabira(PB). Indaguei quais seriam os assuntos propostos para serem apresentados nas aulas seguintes e fui informada que receberia essa informação sobre os conteúdos na aula seguinte, uma vez que a regente da sala de aula, precisaria fazer uma seleção dos conteúdos, já que haviam outras estagiárias para a mesma turma. Assim sendo, na aula seguinte a professora repassou a informação de que os próximos conteúdos que seriam ministrados, abordaria a Região Nordeste os quais ficariam sob minha responsabilidade na regência.

A primeira aula ocorreu no dia 09 de abril, na mesma sala havia outra colega estagiária, iniciamos a aula com uma dinâmica, a qual envolveu todos os alunos, denominada de “os grandes valores”, houve um bom desenvolvimento da dinâmica que permitiu um maior entrosamento com os alunos, logo em seguida passei para a explicação da aula, apresentando *slides* que aparentemente proporcionaram um melhor aproveitamento dos conteúdos abordados, considerando que os alunos mostram-se bastante interessados e participaram da aula expondo suas opiniões e saberes sobre o tema trabalhado.

No dia 12 de abril, foi abordado o assunto Zona da Mata e Sertão, foi entregue textos aos alunos e apresentado um *slide*, com fotos e algumas curiosidades sobre a região, após um debate em sala sobre o que eles entenderam, fizemos uma atividade pesquisada e os mesmos puderam colocar em prática tudo o que aprenderam nas aulas.

Nessa primeira etapa do estágio-regência, pude então notar o quão foi gratificante esta experiência, usando de uma metodologia diferente da realidade do

aluno adquirir bons resultados e isto foi o mais prazeroso, poder contribuir para o aprendizado de um público jovem com grandes expectativas e um conhecimento prévio bastante desenvolvido, que bem trabalhado pode preparar cidadãos conscientes e preparados para o mundo.

No mês de outubro de 2013, observei as aulas de outra professora, que leciona numa escola pública, localizada no Bairro Novo, no município de Guarabira. Minha observação foi na turma de 9º ano, a aludida professora, estava apresentando um conteúdo referente a Industrialização Brasileira, com objetivo de proporcionar aos alunos uma visão ampla sobre o desenvolvimento regional da economia brasileira.

As aulas não contaram nenhum recurso inovador, ela se utilizou dos recursos tradicionais, como quadro e giz, com exposição oral do conteúdo citado. Logo em seguida, escreveu uns tópicos na lousa. No primeiro dia de minha observação a professora aplicou seus conteúdos em duas salas distintas, pois a mesma estava substituindo outra educadora que havia faltado, sendo assim solicitou o auxílio de uma aluna para fazer a explicação escrita na lousa.

Com relação a turma do 9º ano por mim observada, trata-se de alunos que frequentam à escola durante a noite. A professora confidenciou que percebe uma turma muito displicente, pois os alunos dizem-se cansados por trabalhar durante o dia. Durante as minhas observações, constatei que os alunos não participavam da aula e sempre demonstravam certa falta de respeito para com a professora, conversando e fazendo brincadeira entre si, ao mesmo tempo em que a professora também não permitiu aos mesmos uma participação ativa, fez o uso da palavra deixando os alunos fora da sua explicação, ou seja, não trouxe o conteúdo para a vivência deles, nem disponibilizou um tempo para a troca de ideias.

Nessa etapa, ao final do meu estágio-regência observei que a turma, junto com a professora não possui interação professor-aluno, deixando uma sala monótona, sem recursos e com poucas chances de um aprendizado concreto.

Uma das maiores inquietações de quem se aventura a enveredar pelos caminhos da docência está relacionada com a forma como se vai arquitetar, planejar e executar procedimentos para a ministração de conteúdos curriculares. Mesmo profissionais da educação que já tenham em seu currículo uma bagagem considerável sobre o que fazer, ainda titubeiam quando se trata de definir e tipificar o que seja Didática, Metodologia, Métodos ou Técnicas de Ensino.

Em uma ótica menos aprofundada, esses termos se confundem, e isso pode ser facilmente verificado com um simples questionamento sobre seus aspectos conceituais, como inúmeras vezes se processou durante o curso de Metodologia do Ensino Superior. No entanto, a finalidade deste artigo não é de simplesmente se envolver com as questões conceituais que, mas promover um ambiente reflexiológico, onde se possa ter a noção de que os conceitos levam à sistematização e esta possui seus aspectos positivos, quando seguida dentro de procedimentos revisados constantemente durante o processo de ensino-aprendizagem.

É comentário comum entre alunos o fato de que um professor é um ótimo conhecedor do assunto, mas falta-lhe Didática. Essa palavra, então, passa a ter um valor mais significativo para quem está do outro lado da docência: o próprio discente. Muitas vezes sua utilização é impregnada por esses atores com a impressão de que os alunos conhecem muito mais sobre sua definição do que o próprio professor.

Com base em todas as observações que fiz ao longo do estágio-regência pude perceber que alguns professores não vivenciam a realidade dos seus alunos, estes, que já vão para a escola cansados de um longo dia de trabalho e todos os problemas pessoais pelos quais estão enfrentando diariamente, muitos chegam desmotivados e se não tiverem a integração do conteúdo vivenciado a sua realidade e mostrando a eles que o que estão estudando e da importância da escola para a prática do seu dia-a-dia, muitos desistirão, por que acharam que aquele conteúdo é inútil, que não terá utilidade na sua vida.

Durante os dois estágios que ocorreram nos anos de 2012 e 2013, na mesma escola, porém com professoras diferentes, a mesma problemática do ensino tradicional foi identificada, assim podemos concluir que ao passar dos anos a metodologia tradicional ainda permanece no ambiente escolar e infelizmente com tanta tecnologia disponível e acessível nas escolas públicas, sejam estaduais ou municipais ainda prevalece a carência de aulas que atendam a necessidade de um bom aprendizado.

O modelo tradicional de abordagem para o ensino geográfico, ainda hoje, apesar de já ter sido superado, é muito utilizado por muitos professores. Esse modelo se reflete nos métodos e nos conteúdos de ensino, para os quais é importante a informação sobre as áreas da superfície terrestre, bem como a

memorização dos elementos da paisagem, como rios, montanhas e recursos produzidos. Geralmente os métodos avaliativos se resumem a quantificação do que o aluno assimilou pela memorização.

A relação entre professor e aluno, quase sempre é mediada pelo autoritarismo do primeiro e submissão do segundo. É necessário um repensar entre o que se ensina e o que se aprende, para que a atuação prática promova a interação entre o saber aprendido na universidade, com os conteúdos a serem aplicados em sala de aula.

Acredita-se que, a partir daí, os profissionais da área de Geografia poderão partir da experiência vivenciada, proporcionando um redimensionamento do espaço escolar. A Geografia escolar tem um papel ideológico, por isso, não cabe a ideia da neutralidade científica; se, de um lado, essa disciplina contribuiu para reprodução da dominação, por outro lado, as práticas educativas demonstram lutas concretas dos educadores dessa área pela melhoria do ensino público. O ensino da geografia não pode ser um ato mecânico, resumido ao ato de informar, no qual o professor dá atividades e o aluno realiza. Tem que ser um ato muito mais complexo, no qual a discussão, o debate, a reflexão sejam estimulados constantemente, contribuindo assim, para a construção das competências sócio-político-culturais.

3.1 Técnicas de Ensino na Geografia

Para o melhor andamento da atividade docente deve-se desenvolver alternativas que visem conhecer e entender os objetivos a serem alcançados através do ensino de Geografia e os meios para isso. Estudos intensificados em torno da temática são necessários haja vista a diversidade entre os alunos e os diferentes níveis de aprendizagem. É possível apresentar algumas práticas pedagógicas que podem dinamizar o ensino de Geografia utilizando recursos diversos na busca pelo mesmo.

O objetivo a que se propõe alcançar através do ensino de Geografia é a conscientização dos alunos quanto à sua condição de agente ativo no contexto em que vive (Homem Histórico), não somente a constatação daquilo que é visível, mas de todas as relações de construção do “Espaço Social”. O que se tenta alcançar é a formação holística do aluno que ainda não possui sua práxis bem desenvolvida. A questão de trazer para o âmbito da discussão o conhecimento prévio dos alunos é

amiúde mencionada nos trabalhos relativos ao aprimoramento das atividades nas aulas de Geografia, de igual modo fazer com que o aluno aja conscientemente e reflita sobre suas atitudes.

Faz-se necessário que o aluno entenda a profundidade e funcionalidade daquilo que estuda. Observou-se então que, diante das dificuldades enfrentadas pela prática docente de um modo geral e também no ensino de geografia, algumas estratégias têm obtido poucos resultados, como aquela onde a aula acontece apenas de forma expositiva, e que embora necessária, pode tornar-se por demais cansativa, contribuindo significativamente para o insucesso dessa e de outras disciplinas.

Contudo, destacam-se algumas estratégias que foram utilizadas por nós estagiárias para dinamizar nossa prática docente, e que lograram sucesso e contribuíram para atingir o objetivo de ter um aluno mais interessado, participativo e envolvido em sala de aula, inclusive contribuindo para ajudar a manter a disciplina, algo tão difícil em nossos dias, e que por si só já seria merecedor de todo esforço.

Nesse sentido, três dessas estratégias foram apresentadas, tendo em vista o sucesso que estas têm obtido junto aos alunos e ao processo ensino-aprendizagem. A primeira é o uso de desenhos nas aulas de geografia, onde constata-se, inclusive com o relato de alunos, ser esta uma estratégia eficaz à apreensão de certos conteúdos, principalmente por aqueles que tem na memória visual o ponto forte de sua aprendizagem.

Juntamente com a confecção de desenhos apresentamos também a estratégia de se trabalhar com charges para melhor compreender alguns temas atuais da geografia e a importância do estudo dessa disciplina para se entender o espaço onde vivemos, dando a oportunidade ao aluno a também ter uma visão crítica, principalmente dos temas políticos do nosso país e do mundo.

E finalmente, como mais uma estratégia a auxiliar os professores de geografia a tornarem mais dinâmicas e interessantes suas aulas, foi a sugestão de se utilizar em sala de aula uma linguagem apropriada e mais próxima da realidade do aluno, fazendo com que este se identifique com o conteúdo que está sendo ministrado, tratando de sua realidade próxima e não de algo distante, que só se conhece por meio de livros ou canais de televisão. Para melhor explicar o uso destas estratégias de ensino é que passa-se a seguir e exemplificar parte de nossa experiência em sala de aula.

Como estagiárias, observamos que existem diversos modos de apreensão do conteúdo por parte dos alunos, e nos deparamos em sala de aula com diversas realidades, como aqueles alunos que através da audição de uma aula expositiva conseguem captar o conteúdo de maneira satisfatória, ou ainda outros que, através da audição e escrita formulam estratégias próprias para melhor apreender o conteúdo ensinado.

Porém, durante as nossas aulas como estagiárias da disciplina Geografia, constatamos que a maioria dos alunos consegue melhor reter o conteúdo ensinado através da memória visual, onde através da visualização de esquemas, mapas, fotos e desenhos que podem demonstrar os fatos e acidentes geográficos, o aluno consegue adquirir a concentração necessária e reter o conhecimento com melhor qualidade, e é através da exploração dessa memória visual que segue a sugestão dessa estratégia, através da qual explorou-se alguns relatos de casos bem sucedidos que poderão servir como exemplo também para o desenvolvimento de outros conteúdos em sala de aula, visando tornar o ensino de geografia mais interessante para o aluno e simples de ser ministrado, de modo a reduzir o peso negativo e a fadiga que esta disciplina tem adquirido nas últimas décadas.

É notório também que a estratégia do desenho, bem como outras destacadas neste trabalho, não se constitui novidade entre os professores de Geografia, porém vale ressaltar que também da mesma forma não é segredo que muitos se contentam somente com a ministração da tão cansativa (para professores e alunos) aula expositiva pura e simplesmente, abstendo-se de outras estratégias, que por mais que sejam conhecidas, não fazem parte de sua prática docente.

Esse é o motivo pelo qual chamamos a atenção também ao problema da indisciplina, já que constatamos que as novidades trazidas à sala de aula contribuem em muito para aguçar a curiosidade e chamar a atenção do aluno, que desta forma passa a ter menos tempo para se dedicar às estripulias naturais de sua idade.

É importante relatar também que devido à curiosidade e atenção da maioria dos alunos, até mesmo aqueles mais desinteressados que insistem em perturbar a sala ficam mais acanhados frente à negativa dos demais alunos em participar da indisciplina de modo geral. Quando o aluno entende o que está lhe sendo ministrado, tem maior interesse e motivação para se concentrar.

Além das estratégias acima citadas, também é interessante utilizar-se das maquetes e mapas para ensinar cartografia. Nesse sentido, Almeida (1991), trata do

ensino de cartografia na prática

As maquetes, mapas, cartas e plantas, são representações. Partindo do conhecimento adquirido em forma da observação do meio circundante, conhecimento ainda não sistematizado, o aluno deve ter oportunidade de contribuir para a elaboração de um arcabouço formado por ideias, conceitos e categorias que lhe permitam interpretar, de forma cada vez mais profunda, a realidade que o cerca (ALMEIDA, 1991. p.11).

O mapa é um símbolo que representa o espaço geográfico de forma tridimensional, e é indispensável na compreensão espacial uma vez que envolve o inverso da sua construção. A construção pelo aluno de mapas temáticos é uma alternativa para a utilização dos mapas em sala. Além de estimular a criatividade o aluno, este passa a conhecer melhor a área que se trata, além de desenvolver sua capacidade interpretativa, visto que os dados referentes ao lugar estão em forma de imagem.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

O teatro proporcionar experiência que contribuem para o crescimento integral da criança em vários aspectos. No plano individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. No plano do coletivo o teatro oferece, por ser uma atividade grupal o exercício das relações de cooperação, diálogo respeito mútuo, reflexão sobre como agir os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultada de poder agir e pensar sem coerção (BRASIL, 1997, p.84).

Estes métodos além de trazer o lúdico para as aulas de Geografia, fazem com que o aluno aumente sua percepção sobre as informações que são transmitidas através das imagens.

Construir e usar maquetes pode ser bastante interessante para que os estudantes compreendam, por exemplo, a tridimensionalidade do relevo representada pelas curvas de nível dos mapas topográficos. Além disso, sobre a maquete é possível representar diferentes temas e fenômenos espaciais. Além do seu uso em escolas, com os alunos, esse recurso pode ser utilizado em apresentações de trabalhos acadêmicos, pesquisas, apresentações etc.

4 DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

Muitos teóricos falam sobre trabalhar com o diferente, e trabalhar diferente no ensino. Um dos desafios na geografia é trabalhar com as diversas perspectivas ou correntes, assim, sobre o mesmo assunto/objeto, há diversas visões, opiniões e discursos, do marxista ao neoliberal. É fundamental para o professor mostrar os vários pontos de vista sobre o mesmo assunto, para que o aluno se familiarize, analise, e construa sua própria visão (são mais opiniões a partir de observações como aluno e professor, do que constatações ou regras, fórmulas, etc, que por sinal, não existem, ou se existem não são eficazes!).

Refletir sobre a formação docente e sua prática implica conceber um processo de formação ação, no qual o professor se coloca como agente e sujeito de sua prática, além de sujeito do processo de construção e reconstrução do conhecimento. Cotidianamente, o conhecimento deve ser repensado e realimentado, articulando-se com as concepções teóricas que vem sendo discutidas e refletidas nas diferentes instâncias educativas. Implica, ainda, compreender e analisar como esse processo se concretiza e se viabiliza, no cotidiano escolar, em ações individuais e coletivas que expressam as concepções que os docentes têm do mundo, da sociedade, da educação, da escola e do processo ensino-aprendizagem, encaminhando-se para a elaboração de um projeto social, político e educativo comprometido com a construção de uma sociedade mais igualitária, justa e cidadã.

As novas exigências sociais têm direcionado e encaminhado a formação e a ação docente para novos rumos, ou seja, o docente deve ser um professor diferente, capaz de se ajustar às novas exigências da sociedade, do conhecimento, dos meios de comunicação e informação, dos alunos e dos diversos universos culturais. A busca de uma nova identidade, que envolve reflexão permanente sobre a ação educativa, vai se construindo e reconstruindo no cotidiano da sala de aula e da escola, que deixa de ser o espaço de formação, tanto do aluno quanto do professor, articulado a outros espaços formativos do contexto social mais amplo.

É fundamental que a instituição formativa conceba e situe a prática de ensino como elemento articulador da formação do professor e garanta o envolvimento das diferentes disciplinas do curso de formação, para que se possa contribuir com o projeto, oferecendo subsídios e participando concretamente da sua orientação, acompanhamento, execução e avaliação. O projeto de formação deverá assegurar a

adoção de propostas avaliativas permanentes que permitam analisar os avanços do processo e os redirecionamentos que se fizerem necessários.

Finalmente, vale reiterar que a qualidade da educação e da formação de professores está diretamente relacionada ao estabelecimento e implementação de políticas educacionais que valorizem o magistério, contemplando igualmente a formação inicial do professor e sua contínua e melhor remuneração. Estas são as condições essenciais para se proporcionar um ensino de qualidade, acesso e permanência dos alunos na escola, tornando-a, de fato, democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações realizadas a partir do estágio-regência com parte das atividades práticas do curso de Licenciatura em Geografia, percebemos que o professor precisa utilizar-se de novas metodologias de ensino para a sala de aula, deixando de trabalhar somente com o livro didático e com assuntos que não tem conexão com a realidade dos alunos. Isso acaba por gerar desinteresse pelas aulas de Geografia, tida por muitos alunos como uma disciplina que “para passar” é apenas precisa memorizar e depositar na prova.

Assim, a Geografia perde a sua importância como disciplina que serve para que o aluno saiba ler e pensar o mundo que está a sua volta. Nesse contexto, é preciso aproximar o aluno da sua própria realidade, fazer relações para que eles possam, a partir daí, interpretar diferentes realidades. É preciso mostrar que há muito mais que conteúdos a serem transmitidos nas aulas de Geografia. No ensino dessa ciência, há muitas concepções de “mundo” a serem criadas e reformuladas no ambiente escolar. Por isso é tão importante que o conteúdo se torne significativo para os alunos.

Compete aos professores superar o pensamento de Geografia que foi por muito tempo repassado nas escolas, para isso, é preciso instigar a curiosidade do aluno para que ele possa trazer suas contribuições para a sala de aula, gerando um espaço onde haja trocas de conhecimento, diálogo e contato com realidades diferentes. Essas possibilidades não podem ser desperdiçadas, pois a escola deve

possibilitar situações para que o educando desenvolva a sua autonomia, adquirindo criticidade para se posicionar diante dos desafios.

Portanto, percebe-se que a realidade da sala de aula é múltipla, no entanto, isso ainda não é aproveitado no aprendizado, onde se parte de um conhecimento já estipulado. Essa falta de interação nas aulas e dificuldades que os alunos apresentam, também está vinculada com a inexistência da interdisciplinaridade na escola, havendo um ensino cada vez mais fragmentado. Assim, somente através de uma educação crítica, que problematize a própria realidade, será possível vencer com as dificuldades existentes no ensino de Geografia.

Nessa oportunidade, entendemos que não podemos mudar o comportamento dos alunos, mas que ficou aberta a possibilidade de mudanças: a diferença na vida de cada um deles. Está claro que é um trabalho lento, mas possível. Diante da experiência que tivemos e da vivência nos poucos dias, percebemos que há algo mais importante: A educação não se faz sozinha.

ABSTRACT

The teacher is the main agent of the school education in the students' formation, because as a mediator he can facilitate or to discourage the learning. The implantation of the Social Studies course in substitution to the geography and history degrees formed teachers with theoretical and practical deficiencies that confused the object and the method of studies of the two disciplines, depreciating the geographical knowledge. Teaching geography discipline involves to work simultaneously the theoretical-methodological options, it is necessary to draw the educational formation's map of crisis, developing a theoretical and practical perspective for the Geography teachers' initial formation and his/her organization for the solution. The improvement of the education and of the teaching of the geography should have as its objective to propitiate to the student of the basic education, the geographical literacy and the analysis, reflection and critic of the geographical space. The students should understand the geographical concepts valuing them, as well as the professional of the education and for that the teacher's reflexive initial formation has fundamental importance. The educational work constitutes the teacher's professional exercise and this is his/her first commitment with the society, his/her responsibility is to prepare the students to become active and participant citizens in the family, at work, in the social, cultural and politic life.

KEY WORDS: Teachers, Formation, Teaching Geography

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996.

CARLOS, Ana Fani A. (org). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo – SP: Editora Contexto, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. **Formação do Professor de Geografia**. In: Pontuschka, Nidia Nacib; Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. Geografia em Perspectiva, São Paulo. Contexto, 2002, p.255-259.

_____. Geografia. **Um certo espaço, uma certa aprendizagem**, 1995. Tese (Doutorado em Geografia).

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Prática de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002 p.101-120.

CASTROGIOVANNI, Antonio C.; CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

CASTROGIOVANNI, Antonio C.; CALLAI, Helena C.; SCHÄFFER, Neiva O.; KAERCHER, Nestor A. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB – Seção Porto Alegre, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

OLIVEIRA, César Alvarez Campos de. **Formação do Professor de Geografia**. In: Pontuschka, Nidia Nacib; Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. Geografia em Perspectiva, São Paulo: Contexto, 2002 p.279.

PEREIRA, Diamantino. **Geografia escolar: uma questão de identidade**. Cadernos CEDES. v. 39, p. 47-56, dez. 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Saber refletir sobre a própria prática, objetivo central da formação de professores?** Local: editora, 1999.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (orgs.). **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. São Paulo: Petrópolis, 2008.